

# Quem é o homem do Antropoceno?

Who is the Anthropocene man?

Izabela Bocayuva<sup>1</sup>

## Resumo

O Antropoceno denomina uma nova era geológica em que o homem interfere diretamente na estrutura da Terra, levando ao extremo o projeto moderno de domínio da Natureza. A datação do princípio dessa nova era não é precisa, mas é certo que o capitalismo a financia virulentamente. Cabe perguntarmos quem é o homem típico do Antropoceno, pois não está decidido que haja uma forma só de exercer a humanidade, nem tampouco um mundo só.

**Palavras chave:** Antropoceno; Capitalismo; Povos originários.

## Abstract

The anthropocene is called a new geological era in which man interferes directly in the structure of the earth, taking the modern project of dominating nature to the extreme. The dating of the beginning of this new era is not precise, but there is no doubt that capitalism virulently finances it. It is worth asking who is the typical man of the Anthropocene, because it has not been decided that there is only one way to be human, nor even one single world.

**Keywords:** Anthropocene; Capitalism; Native People.

*Vivemos no tempo da catástrofe*  
(Isabelle Stengers, 2015)

*O fim do mundo talvez seja uma breve interrupção  
de um estado de prazer extasiante  
que a gente não quer perder.*  
(Ailton Krenak, 2019)

Há milhões de anos ocorreu o “fim do mundo” para diversos animais terrestres. Um meteoro fatal – mas até certo ponto. A Terra mãe continuou gerando, pacientemente, novos filhos que, por sua vez, geraram outros filhos. Um deles detalhadamente retratado no segundo coro da tragédia *Antígona* de Sófocles:

Muitas são as coisas prodigiosas, mas nenhuma mais prodigiosa do que o próprio homem. Quando as tempestades do sul varrem o oceano, ele abre um

---

<sup>1</sup>Professora titular no Departamento de Filosofia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde coordena os Laboratórios de extensão *Noesis* e *Meteoro*. Contato: izabelabocayuva@gmail.com

caminho audacioso no meio das ondas gigantescas que em vão procuram amedronta-lo: à mais velha das deusas, à Terra eterna e infatigável, ano após ano ele lhe rasga o ventre com a charrua, obrigando-a à maior fertilidade. A raça volátil dos pássaros captura, muitas vezes, em pleno voo. Caça as bestas selvagens e atrai para suas redes habilmente tecidas e astuciosamente estendidas a fauna múltipla do mar, tudo isso ele faz, o homem, esse supremo engenho. Doma a fera agressiva acostumada à luta, coloca a sela no cavalo bravo e mete a canga no pescoço do furioso touro da montanha. A palavra, o jogo fugaz do pensamento, as leis que regem o Estado, tudo ele aprendeu, a si próprio ensinou. Como aprendeu também a se defender do inverno insuportável e das chuvas malsãs. Vive o presente, recorda o passado, antevê o futuro. Tudo lhe é possível. Na criação que o cerca, só dois mistérios terríveis, dois limites. Um, a morte, da qual em vão tenta escapar. Outro, seu próprio irmão e semelhante, o qual não vê e não entende. Se não resiste a ele, é esmagado. Se o vence, o orgulho o cega e vira um monstro que os deuses desamparam. Só o governante que respeita as leis de sua gente e a divina justiça dos costumes mantém sua força porque mantém sua medida humana. Em mim só manda um rei: o que constrói as pontes e destrói muralhas. (SOFOCLES, 2021).

A imagem do homem pintada pelo coro de Sófocles é, gritantemente, a de extremo poder e engenhosa superioridade sobre os outros animais e até sobre a terra que a ele também tem que se submeter. Mas, não é só aí que se manifesta um super poder. Diante de um outro ser humano está implicada também a noção de superioridade, fica sempre estabelecido um conflito, uma disputa para a afirmação de mais poder frente ao outro. A noção ou ponto de vista da superioridade é algo ancestral na cultura grega. Muito antes do fenômeno da tragédia ou da filosofia que explicitaram essa perspectiva orientadora das ações e modos de pensar, os gregos viam hierarquia em tudo. Isso provém do milenar exercício político, sempre hierarquizado ao extremo e que assumiu em sua forma inicial a figura do patriarca quase onipotente, o pai que era o detentor único do poder em todos os âmbitos, inclusive no religioso, como sumo sacerdote. Donde a naturalidade como essa cultura enxerga o homem como superior a todos os outros seres, com exceção dos deuses que, como vemos no coro acima, deixam desamparados os casos de orgulho humano excessivo. Concomitante a essa mentalidade, assistimos à contraposição Homem X Natureza, que foi simplesmente naturalizada ao longo da história nas práticas ocidentais de cunho científico ou não, como se não pudesse haver outra forma de ver.

Dois expoentes da filosofia grega, Platão e Aristóteles, corroboram plenamente esse modo de pensar. Em Platão, o homem adulto ocupa o topo da hierarquia em relação a qualquer outro ser. Depois, o filósofo – homem adulto de exceção – ocupa o topo em relação a qualquer outro ser humano. Há, pois, o homem por excelência, superior, que, em conjunto, constitui uma aristocracia em posição de mando e os menos-homens – todos os demais – destinados à subserviência obediente.

Sócrates: (...) Mas, voltando ao que se refere aos homens que, então, não tinham preocupação alguma para viver, esta é a explicação: era o próprio deus que pastoreava os homens e os dirigia tal como hoje, os homens (a raça mais divina) pastoreiam as outras raças animais que lhe são inferiores. (PLATÃO, 1972, 271e)

Sócrates: Uma vez que filósofo é o indivíduo capaz de apreender o ser eternamente imutável, e os demais não, por se perderem os não-filósofos na esfera do múltiplo e variável, a qual deles compete dirigir a cidade? (...) Dos dois o que se revelar capaz de cuidar das leis e instituições da cidade, esse deverá ser escolhido para guarda. (...) Porém, não é mais do que claro que não pode haver vacilação na escolha de um guarda seja no que for, entre um cego e uma pessoa de vista penetrante? (...) E achas, porventura, que diferem dos cegos os indivíduos carecentes, realmente, do conhecimento da essência das coisas, e que não trazem na alma nenhum modelo claro, nem veem, como os pintores, a verdade ideal a que sempre se reportem com a maior nitidez possível, para depois estabelecerem entre nós as leis do belo, do justo, do bem, no caso de ainda não haverem sido fixadas, ou para guardar e preservar as já existentes? (...) Escolheremos esses, de preferência, para os estabelecermos como guardas, ou os que conhecem tudo o que é e que em matéria de experiência em nada ficam a dever àqueles nem lhes são inferiores em nenhuma parte da virtude? Glaucon: Fora absurdo, sem dúvida, escolher outros, uma vez que estes em nada deixam a desejar. É nisso, precisamente, que consiste sua maior vantagem. (PLATÃO, 2016, 484b-e)

Para Aristóteles, a superioridade da inteligência do homem é claramente colocada em relação aos outros seres. Em sua filosofia, também o filósofo é identificado com a realização máxima do humano, o inteiramente humano.

Se a felicidade é atividade conforme a virtude, será razoável que ela esteja também em concordância com a mais alta virtude; e essa será a que existe de

melhor em nós. Quer seja a inteligência (*nous*), quer alguma outra coisa esse elemento que julgamos ser o nosso dirigente e guia natural, tornando a seu cargo as coisas nobres e divinas, e quer seja ele mesmo divino, quer apenas o elemento mais divino que existe em nós, sua atividade conforme à virtude que lhe é própria será a perfeita felicidade. Que essa atividade é contemplativa, já o dissemos anteriormente (ARISTÓTELES, 1979, X, 7, 1177a12-18).

Mas uma tal vida é inacessível ao homem, pois não será na medida em que é homem que ele viverá assim, mas na medida em que possui em si algo de divino; e tanto quanto esse elemento é superior à nossa natureza composta, o é também a sua atividade ao exercício da outra espécie de virtude. (ARISTÓTELES, 1979, X, 7, 1177b27-30).

Se, portanto, a inteligência (*nous*) é divina em comparação com o homem, a vida conforme a inteligência (*nous*) é divina em comparação com a vida humana. Mas não devemos seguir os que nos aconselham a ocupar-nos com coisas humanas, visto que somos homens, e com coisas mortais, visto que somos mortais; mas, na medida em que isso for possível, procuremos tornar-nos imortais e envidar todos os esforços para viver de acordo com o que há de melhor em nós; porque, ainda que seja pequeno [o *nous*] quanto ao lugar que ocupa, supera a tudo o mais pelo poder e pelo valor. (ARISTÓTELES, 1979, X, 7, 1177b30-1178a3)

Uma tal noção de superioridade também operava no mundo grego quando o caso eram as culturas. Aquele que não falava a língua grega era compreendido como inferior, um ‘bárbaro’, sempre com conotação pejorativa.

O avanço técnico-científico no ocidente só agrava essa perspectiva. Entre os gregos, a natureza ainda era de algum modo ouvida e respeitada. A partir da modernidade, o domínio do homem sobre ela é assumido com toda intensidade. É a partir da modernidade também que outras culturas não-ocidentais são colonizadas e exploradas de um modo supostamente autorizado à medida que os impérios mundiais ocidentais se valiam de um discurso que justificava a escravização de outros homens tidos como inferiores e carentes de civilização.

Mas, se podemos entender a mentalidade e atitude de exercício hierárquico do poder como hegemônica até mesmo para além do ocidente, não é verdadeiro estendê-las para toda a *suposta* ‘humanidade’. Pierre Clastres foi claro em mostrar o resultado de suas investigações junto aos povos originários que apresentam outro modo de ser e

pensar inteiramente diverso do habitual. Mostrou que esses povos constituem sociedades contra o Estado, contra o exercício de poder coercitivo, o que promove culturas não hierárquicas mas também de extremo respeito à natureza, onde montanhas, animais, árvores são igualmente indivíduos<sup>2</sup>.

Na primeira década do século 21 o químico atmosférico holandês Paul Crutzen popularizou o uso do conceito criado vinte anos antes por Eugene F. Stoermer, o Antropoceno<sup>3</sup>, uma nova era geológica marcada pelo abalo do equilíbrio natural da Terra provocado pelo homem, quando esse passa a exercer uma força técnica mais potente do que a força da natureza.

O capitalismo que se universaliza, também na modernidade, e estabelece como se fosse uma nova religião, tem participação direta na configuração do Antropoceno como uma nova era<sup>4</sup>, chamada por alguns de era da técnica que transforma tudo em recurso e mercadoria, em meio ou disponibilidade para mais acúmulo<sup>5</sup>. O Antropoceno é a época de intensificação da expansão da tecnologia a ponto de interferir na atmosfera, nas camadas tectônicas, produzindo, por exemplo, as mais diversas alterações climáticas.

O desenfreado e totalizante complexo de produção tecnológica passa a expandir o seu domínio à atmosfera, ao ponto de a capitalizar e de a mercantilizar a partir de estratégias hegemônicas e imperialistas (BOGALHEIRO, 2021, p.25)

Sonia Torres chega a falar em “neoliberalização da natureza” (TORRES, 2021, p.47) quando o estágio da exploração está de tal modo elevado que todas as energias são sequestradas para fazer parte do cálculo do acúmulo de capital. Ailton Krenak tem a nos dizer sobre isso o seguinte: “Quando despersonalizamos o rio, a montanha, quando tiramos deles os seus sentidos, considerando que isso é atributo exclusivo dos humanos, nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista.” (KRENAK, 2019, p. 49)

2 Cf. CLASTRES, 2003. Também: CLASTRES, 2004. Cf. ainda: KOPENAWA, D e ALBERT, Bruce., 2015.

3 O termo Antropoceno é uma combinação das raízes das palavras em grego *anthropo-* (ἀνθρωπος) que significa "homem" num sentido amplo, e *-ceno* (*kainos*) que significa "novo". Todas as épocas da era cenozóica terminam em *-ceno*, uma era geológica que se iniciou há aproximadamente 65,5 milhões de anos e se estende até a atualidade. Cenozoico significa "vida nova", combinação de *ceno-* (καινός) "novo" e *-zoé* (ζωή) "vida".

4 Donna Haraway e Jason Moore chegam a cogitar o nome Capitaloceno como ainda mais adequado do que Antropoceno. Cf.: HARAWAY, 2015, p.159-165. E: MOORE, 2016.

5 Cf.: HEIDEGGER, 2002.

Numa pesquisa rápida podemos encontrar a afirmação de que o simples advento do homem com linguagem no mundo já seria o suficiente para dar conta do que o novo conceito de Antropoceno quer significar.

**Antropoceno** é um termo usado por alguns cientistas para descrever o período mais recente na história do Planeta Terra. Ainda não há data de início precisa e oficialmente apontada, mas muitos consideram que começa no final do século XVIII, quando as atividades humanas começaram a ter um impacto global significativo no clima da Terra e no funcionamento dos seus ecossistemas. Esta data coincide com a aprimoração do motor a vapor por James Watt em 1784. Outros cientistas consideram que o Antropoceno começa mais cedo, como por exemplo no advento da agricultura. As tentativas de datação precisa revelam, porém, o problema do necessário distanciamento histórico na ponderação de eventos e grandezas relevantes para a escala de tempo geológico. Um hipotético observador distanciado milhões de anos no futuro poderá, munido de suficiente informação, melhor determinar uma data e uma tipologia para o Antropoceno. Perante o alcance das consequências da ação do Homem na evolução do Planeta Terra, o Antropoceno poderá ser reconhecido e classificado, por exemplo, como um novo período ou era geológica. Nesta perspectiva, é plausível apontar o seu início a partir do surgimento do *Homo sapiens*. (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Antropoceno>)

Entretanto, entender como plausível identificar a humana virulência recente em relação aos ecossistemas com o mero surgimento no mundo do homem capaz de linguagem e técnica, só revela até onde pode ir o que chamaremos de ‘o mito da humanidade’ largamente difundido precisamente pelo espírito próprio à era do Antropoceno. É como se o humano fosse um só, um só pensamento, uma só atitude por fim, uma só história, um só desenvolvimento. Aquele que assim formula é, paradoxalmente, o mesmo que começou estabelecendo hierarquias e determinando humanos melhores, plenos, e humanos inferiores. Ora, se a história “é” uma só, os povos que hoje não apresentam o desenvolvimento tecnológico dos países mais ricos do século XXI, só podem ser avaliados como subdesenvolvidos, como inferiores. É que a medida, o padrão de referência, para estabelecer essa humanidade uníssona parte dos que hegemonicamente ditam a história como se detivessem a verdade absoluta sobre o modo de viver sobre a Terra. Então, se encontramos no homem moderno e contemporâneo ocidental a condição destrutiva contra a natureza e seus semelhantes, só

poderia ser porque a condição humana seria essa desde sempre, tal como formula Hobbes: “O homem é o lobo do homem”<sup>6</sup>, todos seríamos, portanto, essencialmente violentos e ameaçadoramente destrutivos. Assim, se os povos originários, por exemplo, apresentam uma forma de organização sem mando e obediência, sem leis, uma religião sem igreja, são logo taxados de coitados primitivos sem lei, sem rei, sem deus, que carecem de civilização. Esses povos, no entanto, resistem bravamente, a duras penas, a uma aculturação que lhes trouxesse a religião e o Estado. Como diz Clastres, eles são “contra o Estado” (CLASTRES, 2003), não têm nem querem ter a mesma mentalidade hierarquizante que nos constitui há milênios.

Uma abertura, uma miríade de possibilidades, caracteriza a realização do homem no mundo, seu pensamento e comportamento fácticos jamais foram ou são determináveis de uma forma definitiva. Diante desse quadro, não há um mundo só, mas vários, como indicaram os materialistas gregos. Por isso mesmo, falar em humanidade como forma de ser uníssona não faz qualquer sentido. Cabe perguntarmos, portanto, quem é esse *ántropos*, quem é esse homem do Antropo-ceno? Certamente não é aquele que surgiu há 300 mil anos, o *homo sapiens*, que tinha necessariamente que respeitar muito os outros seres naturais. Na natureza, aliás, fisicamente falando, o homem sempre foi o mais frágil. A abertura criativa que caracteriza a potência de nosso pensamento vem justamente compensar nossa fraqueza, instrumentalizá-la. Mesmo assim, o poder do homem dos primórdios apenas podia se medir com o das feras e catástrofes sem poder simplesmente impor a tudo e a todos sua vontade. Como já dissemos, o desenvolvimento técnico-científico vai empoderando o homem a ponto de ele se ver na condição de reivindicar para si o domínio, o controle total da natureza. Com a chegada do capitalismo tudo fica mais virulento, esse domínio traduz-se em vantagem financeira, de acumulação financeira, seja se consideramos os outros seres vivos, seja se consideramos os seres vivos semelhantes. Uma data remota importante de lembrarmos nesse nosso questionamento do Antropoceno é justamente o nascimento da moeda, o surgimento do dinheiro no século VII a.C., muito mais do que o surgimento do *homo sapiens*<sup>7</sup>. Iniciou-se um cruel processo de acumulação que só se agravou, sendo capaz de se associar a qualquer gesto humano. Mas, atenção: falamos aqui de uma tendência do humano, a tendência egoísta que abraçou a naturalização do domínio e exploração

---

<sup>6</sup> É claro que essa explicação da humanidade faz parte de uma estratégia para fundamentar a necessidade do poder absoluto e vitalício do soberano, mas esse assunto cabe discutir em outro momento. Cf. HOBBES, T., 2020.

<sup>7</sup> Cf. nota 4.

em favor próprio, sendo apenas uma possibilidade da realização do homem. Como já falamos dos povos originários, outras realizações são e foram possíveis. Não fosse assim, hoje não teríamos quem se preocupasse verdadeiramente com os Direitos Humanos ou com o estágio de destruição do meio ambiente. Hoje, no Brasil, diversos povos indígenas ainda sobrevivem, povos que expressam um pensamento profundo sobre a relação Homem X Natureza, muito diverso daquela relação pensada hegemonicamente pelo ocidente. Ailton Krenak também questiona em *A vida não é útil* (2020), o mito da humanidade, do qual tratamos aqui.

A ideia dos Krenak sobre a criatura humana é precária. Os seres humanos não têm certificado, podem dar errado. Essa noção de que a humanidade é predestinada é bobagem. Nenhum outro animal pensa isso. Os Krenak desconfiam desse destino humano, por isso que a gente se filia ao rio, à pedra, às plantas e a outros seres com quem temos afinidade. É importante saber com quem podemos nos associar, em uma perspectiva existencial mesmo, em vez de ficarmos convencidos de que estamos com a bola toda. Foi esse ponto de observação que me fez afirmar de que nós não somos a humanidade que pensamos ser. É mais ou menos o seguinte: se acreditamos que quem apita nesse organismo maravilhoso que é a Terra são os tais humanos, acabamos incorrendo no grave erro de achar que existe uma qualidade humana especial. Ora, se essa qualidade existisse, nós não estaríamos hoje discutindo a indiferença de algumas pessoas em relação à morte e à destruição da base da vida no planeta. Destruir a floresta, o rio, destruir as paisagens, assim como ignorar a morte das pessoas, mostra que não há parâmetro de qualidade nenhum na humanidade, que isso não passa de uma construção histórica não confirmada pela realidade. (KRENAK, 2020, p.41-43)

Essa fala de Ailton Krenak deixa claro que, para os Krenak, homem e natureza não são polos opostos. Ele diz: “Nenhum outro animal pensa isso”. Não apenas nós pensamos e além disso, nosso pensamento é que costuma ser equivocado ao considerar-se melhor do que o dos outros seres. Em outro livro, Krenak diz: “Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo que eu consigo pensar é natureza” (KRENAK, 2019, 16-17). Nós também somos natureza, uma natureza em aberto e, por isso mesmo, não pode ser que haja só um modo humano de ser. A irracionalidade destruidora e insensível, sempre gananciosa, pode ser uma possibilidade de realização do humano, mas não a única. Mais uma vez fala Krenak

tematizando a impossibilidade de uma única humanidade: “Como reconhecer um lugar de contato entre esses mundos, que têm tanta origem comum, mas que se descolaram a ponto de termos hoje, num extremo, gente que precisa viver de um rio, no outro, gente que consome rios como um recurso?” (KRENAK, 2019, 51)

Repetindo, portanto: quem seria, então, o homem do Antropoceno? O distanciamento que vem ocorrendo, desde há muito, de uma relação respeitosa e saudável com a Terra, a eterna mãe Natureza, apresenta-se como um caminho de compreensão para essa questão. Seria o caso de chama-lo ‘despotenciação do espírito’<sup>8</sup> ou ‘descolamento do mundo’ ou ‘abandono dos deuses’. Desde o início estamos falando de uma pretenciosa postura da qual nos imbuímos para nos tornarmos os seres eleitos, os mais semelhantes a deus só porque nossa frágil (e potente) inteligência criadora/destruidora pensa estar autorizada a fazer tudo o que quer. O homem do Antropoceno é justamente esse homem arrogante ao máximo, ingrato ao máximo e que, tomando-se como referência, projeta uma humanidade unissonamente semelhante a ele mesmo. Há homens assim por toda parte, mas é inegável que a cultura ocidental produziu bem mais cedo e com muito mais intensidade diversos exemplares deles. Pode-se dizer que nesse quesito o ocidente é mesmo um grande exemplo. Seu saber, sua ciência, igualmente exemplares, quanto mais se pôs a serviço da técnica e do capitalismo, mais cegamente passou a explorar sem freios os ecossistemas, rasgando-lhes as entranhas de um modo suicida. Em resumo: o homem do Antropoceno é o homem ocidental (ou não) que explora vertiginosamente a natureza com sua ganância fundamentalista de mercado. O negacionismo é a forma de expressão desse fundamentalismo. Nega-se as mudanças climáticas, o aquecimento global, nega-se as mudanças das marés, nega-se as ilhas de lixo nos mares, nega-se a escassez de água potável, nega-se a miséria de milhões de pessoas, enquanto vive-se na ilusão de uma onipotente imortalidade, que é como se imaginam diante do poder econômico que detêm. A pretensão sisífica<sup>9</sup> de driblar a morte se valendo de recursos financeiros ocupa hoje laboratórios pelo mundo, onde corpos congelados aguardam a possibilidade de um dia reviver no mundo da inteligência artificial com outros Frankensteins.

Inevitavelmente o Antropoceno é uma época de catástrofes, mas uma catástrofe seria a pior de todas, a efetiva transformação do que hoje é hegemonia para a situação de plena homogeneidade. A famosa ficção de George Orwell, *1984*, aponta para isso.

8 Cf. HEIDEGGER, 1999.

9 Sísifo é uma personagem mítica que por ter tentado driblar a morte foi condenado a infinitamente rolar uma enorme pedra até o alto de um penhasco.

Essa situação de um só pensamento e comportamento seria um pior fim do mundo do que se tudo fosse pelos ares numa explosão atômica só, porque seria a morte em vida, a morte da pluralidade das possibilidades a favor de um esquema ‘muito bem’ apropriado pelo poder político a serviço do poder do capital. Um fim do mundo infinitamente mais grave do que “uma breve interrupção de um estado de prazer extasiante que a gente não quer perder”, como está dito em nossa epígrafe. Se explodíssemos todos juntos de uma vez só, a eterna mãe Terra estaria livre para se reinventar, mas se o homem do Antropoceno perdura absolutamente vitorioso, numa plena homogeneidade de modo de ser e comportar-se, como um vírus superpotente, é a doença da morte que se apodera definitivamente da Terra, aniquilando maximamente e cada vez mais sua potência geradora. Podemos ter um exemplo claro da capacidade de aniquilação que traz consigo esse tipo de atitude que pretende homogeneizar um modo de ser já hegemônico. Trata-se da invasão e exploração colonialista iniciada no século XVI em diversas partes do mundo por impérios europeus e que aniquilou com o mundo de milhares.

A fim de concluirmos, convocamos mais uma vez a reflexão de Ailton Krenak em *Ideias para adiar o fim do mundo*:

Já que se pretende olhar aqui o Antropoceno como o evento que pôs em contato mundos capturados para esse núcleo preexistente de civilizados – no ciclo das navegações, quando se deram as saídas daqui [Portugal] para a Ásia, a África e a América –, é importante lembrar que grande parte daqueles mundos desapareceu sem que fosse pensada uma ação de eliminar aqueles povos. O simples contágio do encontro entre humanos daqui e de lá fez com que essa parte da população desaparecesse por um fenômeno que depois se chamou de epidemia, uma mortandade de milhares e milhares de seres. Um sujeito que saia da Europa e descia numa praia tropical largava um rastro de morte por onde passava. O indivíduo não sabia que era uma peste ambulante, uma guerra bacteriológica em movimento, um fim de mundo.; tampouco o sabiam as vítimas que eram contaminadas. Para os povos que receberam aquela visita e morreram, o fim do mundo foi no século XVI. Não estou liberando a responsabilidade e a gravidade de toda a máquina que moveu as conquistas coloniais, estou chamando atenção para o fato de que muitos eventos que aconteceram foram o desastre daquele tempo. Assim como nós estamos vivendo hoje o desastre de nosso tempo, ao qual algumas seletas pessoas chamam Antropoceno. A grande maioria está chamando de caos social, desgoverno geral, perda de qualidade no cotidiano, nas relações, e estamos todos jogados nesse abismo (KRENAK, 2019, 70-72).

O avanço atual da extrema direita por toda parte é um sinal claro da batalha que o homem do Antropoceno vem travando para sequestrar o planeta para si. Precisamos resistir respeitando e estimulando a pluralidade de mundos que a vida, em seu sentido amplo e vigoroso, insistentemente comporta.

### Referências Bibliográficas

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. Vinzenzo Cocco. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- BOGALHEIRO, Manuel. *Da terraformação ao imaginário político da planetariedade* (p.18-35) in: TORRES e PENTEADO (orgas.) *Literatura e arte no Antropoceno*. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2021
- CLASTRES, P. *A Sociedade contra o Estado*. Trad. Theo Santiago. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Arqueologia da Violência*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- CRUTZEN, Paul. Geology of mankind. In: *Nature*, v.415, 2002.
- HARAWAY, Donna. Anthropocene, Capitalocene, Plantationocene, Chthulucene: Making kin. *Environmental Humanities*. v.6, p.159-165, 2015.
- HEIDEGGER. *A questão da técnica* in: *Ensaios e conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Sobre o humanismo*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Introdução à Metafísica*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.
- HOBBES, Thomas. Trad. Gabriel Lima Marques e Renan Marques Birro. *O Leviatã*. Petrópolis: Vozes, 2020.
- KOPENAWA, Davi e ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um Xamã Yanomami*. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- \_\_\_\_\_. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MOORE, Jason (org.) *Anthropocene or Capitalocene. Nature, History and the Crisis of Capitalism*. Oakland: PM Press, 2016.

PLATÃO. *O Político*. Trad. Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

\_\_\_\_\_. *A República*. Bilíngue. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPa, 2016.

SOFOCLES. *Antígona*. Tradução Millôr Fernandes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

STENGERS, Isabelle. *In: Catastrophic Times: Resisting the Coming Barbarism*. Trans. Andrew Goffey. Open Humanities Press; Meson Press, 2015.

\_\_\_\_\_. A proposição cosmopolítica. Trad. Raquel Camargo e Stelio Marras. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n 69, p. 442-464, 2018.

TORRES e PENTEADO (orgas.) *Literatura e arte no Antropoceno. Conceitos e representações*. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2021.

TORRES, Sônia. *Flashback do período penumbral*. (p. 36-51). in: TORRES e PENTEADO (orgas.) *Literatura e arte no Antropoceno*. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2021.

VIVEIROS DE CASTRO, E; DANOWSKI, D. *Há mundo por vir? Ensaios sobre os medos e os fins*. Florianópolis: Desterro, Cultura e Barbárie/Instituto Socioambiental, 2014.